



Dossiê Apocalipse

A *pocalipse 1,11* é a etapa mais recente de um processo de experimentação de idéias sagradas e espaços públicos que o Teatro da Vertigem inicia com *Paraíso Perdido*, em 1992, e chama de trabalho colaborativo. A marca mais radical dessa proposta é a concepção do teatro como pesquisa coletiva de atores, dramaturgo e encenador em busca de respostas a questões do presente.

No caso de *Apocalipse*, a mobilização se faz a partir do testemunho de fatos brutais como a queima do índio pataxó em Brasília e o massacre dos cento e onze detentos no presídio do Carandiru, em São Paulo. Os criadores usam o teatro físico, as possibilidades de ativação do espaço público e a composição de dramaturgia própria como meios de elaboração dessa carga de experiências sociais. O trabalho coletivo é adotado como modelo de uma ética que não existe fora da criação.

A analogia do *Apocalipse de São João* com o momento brasileiro de violenta exclusão social é nuclear para a primeira etapa da pesquisa, centrada na composição do texto. Três *workshops* envolvendo diretor, dramaturgo e atores são realizados no segundo semestre de 1998, onde *As observações sobre as profecias de Daniel e o Apocalipse de São João*, de Isaac Newton e *A profecia sobre o fim do mundo*, de Leonardo da Vinci, associam-se ao texto bíblico, formando o universo temático inicial. Trazido para o corpo-a-corpo da sala de ensaios, Fernando Bonassi

integra a criação dramaturgical ao trabalho dos atores. Improvisações, visitas a locais de referência para ações e personagens e *workshops* breves são os instrumentos de dissecação temática, de que resulta a versão inicial do texto, um varal de idéias que associa sugestões poéticas ao realismo cru das visitas a delegacias do Pari, a boates da boca-do-lixo e à pobreza itinerante das rodoviárias e dos hotéis baratos.

Depois de concluída a primeira versão do texto, com seis horas de duração, o grupo incorpora novos componentes à equipe criadora. Cenógrafo, *designer* de luz, figurinista e sonoplasta iniciam a segunda etapa dos ensaios em abril de 1999. Agora o foco de criação é o espetáculo, trabalhado em oficinas públicas dirigidas pelo grupo. A ponte com o autor é feita pela dramaturgista, que se encarrega de facilitar a troca com os atores.

Como a pesquisa de campo continua, o universo particular dos personagens é traduzido em cenas cada vez mais completas, com as melhores soluções compartilhadas por todos. Experiências com os estados-limite de insanidade e de demência contribuem para aproximar o elenco do registro interpretativo sugerido pelo diretor.

A última fase do processo é a adaptação do espetáculo ao espaço público. A insistência em conseguir uma ala do Carandiru facilita a realização de oficinas com os detentos, mas negativas sucessivas acabam levando o grupo ao

presídio do Hipódromo. Para ganhar o espaço do presídio o Teatro da Vertigem entra em contato com a memória dos excluídos sociais, no confronto turbulento com o imaginário da prisão. Em janeiro de 2000 convida o público para viver concretamente esse lugar.

Neste dossiê, *Sala Preta* apresenta *Apocalipse 1,11* a partir da recepção desse público. Uma professora, um diretor, um psicanalista e

um fotógrafo mostram como conviveram com a experiência do Teatro da Vertigem, em vários sentidos, radical.

Para localizar o espetáculo na história do grupo, traçamos uma breve trajetória crítica, com base nos textos de Mariângela Alves de Lima e Alberto Guzik. No depoimento de abertura, Antônio Araújo conta como tudo começou.

